



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

JOSENILDO MARIA DE LIMA

**ESCOLINHA DA CIÊNCIA “UMA AULA DE ASTRONOMIA”: COMUNICANDO A
CIÊNCIA POR MEIO DO TEATRO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

JOSENILDO MARIA DE LIMA

**ESCOLINHA DA CIÊNCIA “UMA AULA DE ASTRONOMIA”: COMUNICANDO A
CIÊNCIA POR MEIO DO TEATRO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732e Lima, Josenildo Maria de
Escolinha da Ciência: comunicando a ciência por meio do teatro [manuscrito] : / Josenildo Maria de Lima. - 2014.
43 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró- Reitoria de Ensino Técnico, Médio e Educação a distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira, Departamento de Física".

1. Educação. 2. Ensino de Ciências. 3. Teatro Científico. I. Título.

21. ed. CDD 370.1

JOSENILDO MARIA DE LIMA

**ESCOLINHA DA CIÊNCIA “UMA AULA DE ASTRONOMIA”: COMUNICANDO A
CIÊNCIA POR MEIO DO TEATRO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 14 / 06 /2014.

Alessandro F. de Silveira
Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira / UEPB
Orientador

Morgana Lúcia de Farias Freire
Prof.^a Dr.^a Morgana Lúcia de Farias Freire/UEPB
Examinadora

Rochane Villarim de Almeida
Prof.^a Me. Rochane Villarim de Almeida/ UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Aos Educandos, aos Docentes e as Equipes Gestora e Pedagógica da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Anésio Leão, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A um Ser supremo e criador de tudo que existe neste COSMOS.

Em especial ao professor Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, e as professoras Morgana Lúcia e Rochane Villarim pelas contribuições dadas a este trabalho.

À Equipe gestora, aos amigos de profissão e aos educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Anésio Leão.

À minha esposa (Gizelda Lima) pela paciência e auxílio durante a execução desta jornada.

Aos meus familiares, em especial ao meu avô Francisco Salvador, minha mãe Severina (Dona Inácia), meus irmãos e irmãs e tias e tios, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Ao meu pai José Maria de Lima e a minha avó Maria Julieta (*in memoriam*).

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo deste período, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas da sala 124 em Campina Grande pelos momentos de amizade e apoio durante as atividades acadêmicas.

É fundamental que, na prática da formação docente o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 1996, p. 38-39).

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi analisar se o Ensino de Ciências pode ser realizado a partir de um encontro com a arte cênica. Para atingirmos esse objetivo apresentaremos o resultado de uma intervenção didática realizada numa escola pública da cidade de Campina Grande em que construímos com alunos do segundo ano do ensino médio da referida escola uma peça de teatro intitulada *Escolinha da Ciência uma aula de Astronomia* de autoria do professor Marcelo Germano do Departamento de Física da UEPB. Após a encenação da peça os estudantes (atores e espectadores) foram inquiridos sobre o papel desse recurso como meio de comunicar e ensinar ciências. Ao finalizarmos a pesquisa notamos que essa abordagem didática além de comunicar a ciência pode ser usada para fortalecer os vínculos sociais entre os estudantes e docentes, bem como pode ajudar na integração dos estudantes e no combate à evasão escolar. Defendemos que tal metodologia de ensino pode ser adotada por professores das diversas disciplinas durante as aulas como forma de dinamizá-las e melhorar o relacionamento dentro do ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Ciências. Teatro Científico. Astronomia.

ABSTRACT

The main goal of this study was to analyze if the teaching of Science can be realized from an encounter with Scenic Art. In order to achieve this goal we will present the result of a didactic intervention realized in a public school in Campina Grande city where we with students of second year of high school made a play titled *Escolinha da Ciência aula de Astronomia* by Professor Marcelo of Physic Department of UEPB. After the staging of the play students (actors and spectators) were asked about the role of this feature as a means of communicating and teaching Science. When we finish the survey we noted that this didactic approach in addition to communicating science can be used to strengthen social bonds between students and teachers, and can help integrate students and fight school dropout. We argue that such teaching methodology can be adopted by teachers of various disciplines during the classes as a way of make them more dynamic and improve relationships within the school environment.

KEYWORDS: Physics Teaching. Scenic Art. Astronomy.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1 –	Primeira leitura da peça Escolinha da ciência	22
FOTO 2 –	Apresentação da Peça Escolinha da Ciência uma aula de Astronomia na escola	23
FOTO 3 –	Apresentação de trechos da peça no III ENID-UEPB em outubro de 2013.	24

Sumário

1. Introdução	10
2 - Fundamentação Teórica.....	12
2.1- Educação em Ciências: uma perspectiva crítica e reflexiva	12
2.2 - O Teatro Científico	14
2.3 - A peça Escolinha da Ciência: uma aula de Astronomia	17
3. Metodologia.....	19
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	19
4. Resultados.....	21
4.1 Relatando a Experiência do Teatro na Escola: Aprendendo Astronomia com o teatro	21
4.2 A voz do aluno sobre o Teatro Científico	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS	28
ANEXO - Escolinha da Ciência: Uma Aula de Astronomia	30

1. Introdução

Sabemos que são evidentes as dificuldades vivenciadas nas escolas públicas com relação ao alto índice de evasão, manutenção da disciplina dos educandos nas aulas, e falta de atenção desses educandos aos conteúdos ministrados durante as aulas. Acreditamos que a rejeição desses educandos aos conteúdos escolares pode ocorrer devido às dificuldades vivenciadas por eles em seus lares, e se a escola não dispuser de atividades lúdicas capazes de atrair a atenção dos mesmos, tal rejeição tende a aumentar.

Entendemos que uma forma de solucionar tal problemática, está no estímulo às práticas inovadoras em sala de aula, as quais podem se dar pela Arte. Em se tratando do ensino de ciências, a inquietação que surge nos conduz ao seguinte questionamento: Será possível vincular a ciência com a arte para este fim? De acordo com os PCN+ (2002) as competências em Ciência se constroem em um presente contextualizado, em articulação com competências de outras áreas, impregnados de outros conhecimentos, dentre as quais, a arte é referenciada, nesses documentos.

Contudo, para realizarmos atividades educacionais capazes de articular competências de outras áreas são necessários investimentos mais significativos na educação, para termos professores disponíveis em tempo integral nas escolas, com ambientes bem equipados para o bom funcionamento da mesma.

Com todas as adversidades encontradas, muitos professores continuam desenvolvendo projetos, pesquisas e trabalhos dentro das escolas buscando a melhoria do Ensino de Ciências, com o intuito de torná-lo atraente e interessante aos educandos, a fim de despertar nesses a compreensão de fenômenos científicos e do funcionamento de aparatos tecnológicos que os cercam.

Precisamos encontrar ferramentas que sejam capazes de comunicar questões relacionadas à ciência e a tecnologia de maneira clara, e atraente. Sabemos que o conhecimento científico para ser bem compreendido e utilizado não pode estar separado totalmente do conhecimento artístico, pois o ensino e a aprendizagem devem seguir em sintonia. Assim os educandos devem manter contato com a arte para tornar-se mais humanizados, críticos e cidadãos plenos.

No sentido de fortalecer tais vínculos este trabalho surgiu da necessidade em articular uma aproximação entre a ciência e a arte no contexto da educação formal, duas áreas aparentemente distintas, porém se nos voltarmos com um olhar mais apurado notaremos que ambas podem ser trabalhadas em conjunto, principalmente, quando tratamos do teatro com temas científicos e o ensino de ciências.

Algumas pesquisas desenvolvidas com esta temática focam nesta relação, a fim de melhor comunicar e/ou ensinar a ciência, tais como: Gusmão (2009), *Em cartaz: Razão e emoção na sala de aula*; Silveira (2011), *O teatro como instrumento de humanização e divulgação da ciência: um estudo do texto ao ato da obra Copenhague de Michael Frayn*; Medina e Braga (2010), *O teatro como ferramenta de aprendizagem da física e de problematização da natureza da ciência*; Oliveira e Zanetic (2004), *A presença do teatro no ensino de física*; entre outros trabalhos apresentados em eventos científicos ou publicados em periódicos de circulação nacional e internacional.

Considerando a existência destas pesquisas, o nosso foco foi permitir aos educandos do segundo ano do ensino médio de uma escola pública um encontro com a dramaturgia e a ciência, tendo como tema a Astronomia. Tal ação contextualizou os conteúdos de astronomia, aplicando-os de uma maneira cênica, para potencializar a aprendizagem desses conteúdos, e por consequência aumentar o interesse dos educandos pelos conhecimentos adquiridos na escola.

Outro fator que nos conduziu a execução dessa pesquisa foi que percebemos que nas localidades em que há fatores de riscos, a possibilidade dos jovens terem contato com a criminalidade é maior, assim, ao possibilitar a esses jovens a experiência com aulas de ciências mais dinâmicas, por meio do teatro científico, poderíamos fortalecer os vínculos sociais, científicos e culturais desses educandos.

2 - Fundamentação Teórica

2.1- Educação em Ciências: uma perspectiva crítica e reflexiva

São inúmeras as pesquisas que tratam de temas relacionados ao ensino de Ciências, contudo é válido considerar o cenário em que se encontra a educação, que para alguns pesquisadores e escritores está bem distante do que convencionalmente encontramos em nossas escolas.

De acordo com Freire (1996, p. 123-124):

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemático de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligência das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível, portanto que a escola estimule constantemente a curiosidade do educando em vez de "amaciá-la" ou "domesticá-la.

Conforme Morin (2000) em seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, a escola deve ser capaz de ensinar a condição humana mostrando aos educandos que as disciplinas são um todo interligado. Desse modo, uma das maneiras de atingirmos esse modelo de escola é estabelecendo um diálogo entre as diversas áreas de conhecimento com a cultura do educando, de tal modo que as ciências humanas dialoguem com as ciências naturais, mostrando a importância da filosofia, da história, da literatura, da poesia e das artes para a compreensão da condição humana.

Partindo da ideia defendida pelos autores supracitados cabe a escola trabalhar criticamente a inteligência do educando. Entendemos que a arte cênica possibilita trabalharmos dessa maneira, pois ela ativa a imaginação do educando, ajuda no processo de aprendizagem da leitura, possibilita a desenvoltura do estudante no momento de expressar suas ideias.

Morin (2002) menciona que é preciso pensar a educação como uma rede interligada, na qual as áreas do conhecimento se comunicam. Nesse sentido é dessa forma que pensamos um ensino de ciências, por meio do teatro, a fim de transformar a sala de aula num ambiente prazeroso.

Entendemos quão importante é a tarefa de estimular os educandos, e acreditamos que tratar de temas científicos por meio da encenação de peças teatrais pode estimulá-los e assim, aflorar o potencial dinâmico deles. Dessa forma defendemos que a aproximação da ciência com a arte levará o educando a conhecer o novo, a partir da sua realidade.

Segundo Astolfi e Delevay (1990, p. 36) o ensino de ciências deve ser realizado:

De tal forma que ensinar um conceito de biologia, física ou química, não pode mais se limitar a um fornecimento de informações e de estruturas correspondendo ao estado da ciência do momento, mesmo se estas são eminentemente necessárias. Pois esses dados só serão eficazmente integrados pelo docente se chegarem a transportar de modo durável suas concepções.

Ainda apontamos Martinand (1986), o qual acredita que uma maneira de ensinar ciências pode partir de atividades diferenciadas, para ele:

Deve-se, de maneira inversa, partir de atividades sociais diversas (que podem ser atividades de pesquisa, de engenharia, de produção, mas também de atividades domésticas, culturais) (...) que possam servir de referência a atividades científicas escolares, e a partir das quais se examinam os problemas a resolver, os métodos e atitudes, os saberes correspondentes. (MARTINAND, 1986. apud ASTOLFI, e DELEVAY. 1990, p. 53).

No entanto, alguns autores como Silva, Souza e Nobre (2013, p. 120) defendem que:

A ideia de novas propostas metodológicas para o ensino ainda tem de transpassar muitas barreiras, principalmente as concepções tradicionalistas de alguns gestores e professores e, até mesmo a alguns olhares céticos dos educandos que não acreditam que principalmente o ensino de física tenha relevância para sua vida. Esta visão é fortalecida com aulas descontextualizadas da realidade dos educandos e sem preocupação de discutir as concepções que os educandos trazem para dentro do ambiente escolar, concepções estas, aprendidas no cotidiano além dos muros escolares.

Acreditamos que essa realidade vem se modificando, a considerar que algumas ações de novas abordagens metodológicas estão sendo concretizadas nas escolas, a exemplo da abordagem histórica, experimental e do enfoque CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), além de ações educacionais nos espaços não formais, como museus e centros de ciências.

Em se tratando do o ensino de ciências através da interação com as artes, com o intuito de possibilitar um crescimento intelectual e cultural dos educandos, autores como Oliveira e Zanetic (2004) em pesquisa realizada na perspectiva da relação entre a ciência e o teatro, mencionam que “a atividade teatral também pode ser uma forma de motivação na busca do conhecimento com alegria, isto é, permitir que o momento de aprender seja um momento prazeroso, transformando a sala de aula num lugar onde se deseja estar e participar”

(OLIVEIRA E ZANETIC, 2004, p. 3).

Segundo estes autores, a sala de aula deve “permitir que o educando reflita sobre a beleza do conhecimento e tenha condições de se expor, criar, pensar, questionar, falar, formar o seu espírito científico (Bachelard, 1996) e participar da transformação da sua realidade social (Freire, 1987) (OLIVEIRA E ZANETIC, 2004, p. 2).

De acordo com Medina e Braga (2010), p. 316):

Esforços estão sendo feitos no sentido de humanizar a ciência nos currículos de ensino de ciências em simpósios, encontros, atividades e projetos vinculando ciência e arte, visando uma maior aproximação entre esses dois universos e um maior interesse pelas questões científicas por parte do público geral (MEDINA E BRAGA, 2010, p. 316).

2.2 - O Teatro Científico

Algumas pesquisas científicas em educação defendem o elo entre o teatro e o ensino de ciências. A exemplo, podemos citar os pesquisadores Medina e Braga (2010) que adotam o teatro como elemento motivador para trabalhar uma metodologia de ensino interdisciplinar.

Conforme esses autores, tal metodologia de ensino põe “em prática os pressupostos indicados na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN+ (2002)” (MEDINA e BRAGA, 2010, p. 313).

Medina e Braga (2010, p. 315) desenvolveram sua pesquisa envolvendo o teatro científico e o ensino de física com o objetivo de:

Ir além do ensino acadêmico convencional, mostrando possibilidades de transformação da escola. Primeiramente num espaço de discussão de ideias, muito mais do que de aprendizagem de verdades inquestionáveis.” Depois num espaço onde o ensino não seja constituído de disciplinas estanques, limitadas em si mesmo, mas como um local onde o aprender aconteça de modo interativo (professor e educando envolvidos, trocando experiências e saberes) e dinâmico. Algo que não veja o professor somente como provedor, detentor do saber, e que não considere o educando como mero receptor (MEDINA e BRAGA, 2010, p. 315)

Acreditamos na utilização do teatro científico para melhoria do ensino de ciências, pois o teatro dispõe de recursos que não estão disponíveis nos livros textos ou nos modelos

convencionais de aula, principalmente a possibilidade de transformação no tocante ao comportamento social do educando. Neste trabalho de pesquisa também fizemos uso do teatro como meio de melhorar o relacionamento dos educandos e educadores.

Para autores como Oliveira e Zanetic (2004) os quais estudaram duas temáticas que se entrelaçam ao trabalhar com o teatro científico e o ensino de ciências:

uma delas é o desafio de possibilitar uma maior humanização do ambiente da sala de aula, em que educandos e educadores sintam-se capazes e responsáveis pela construção solidária do conhecimento; a outra é o fato de que a forma e o conteúdo da física trabalhada no Ensino Médio deve oferecer uma abordagem cultural da física, algumas noções sobre a pesquisa científica e a desmitificação da figura e da função do cientista (OLIVEIRA e ZANETIC, 2004, p. 1)

Outro estudo interessante sobre o teatro científico e o ensino de ciências é o de Silveira (2011) ao dialogar o ensino de ciências com o teatro científico, porém centrado nos aspectos históricos e sociais, numa perspectiva de divulgação científica.

Conforme Silveira (2011):

O teatro enquanto manifestação artística comunica, promovendo ao espectador emoções, sentimentos e catarse para reflexão. Dessa forma, nesse movimento dinâmico, o olhar do espectador se renova, se reveste, convidando-o a emergir num campo onde a reflexão é, no mínimo, uma das possibilidades que se apresenta em sua vivência no processo comunicativo que se realiza (SILVEIRA, 2011, p. 111):

Conforme Medina e Braga (2010, p. 316-317) “Tanto no Brasil como ao redor do mundo, diversos eventos vêm sendo realizados com o intuito de fazer arte e ciência interagirem, como exposições, feiras e workshops. No teatro já foram levadas à cena peças relacionadas com diversas temáticas que partem de questões científicas e que são comumente categorizadas como “teatro científico”.

Percebemos assim que nossa pesquisa encontra sustentação teórica nos trabalhos desenvolvidos por estes autores e outros que têm desenvolvido pesquisas voltadas para o eixo ciência e arte. Segundo Medina e Braga (2010, p. 318): “Através do teatro, é possível atrair o público para assuntos científicos, com as constantes dúvidas, provocações e reflexões, cada vez mais presentes nas preocupações de todos enquanto indivíduos.” Desse modo observamos no teatro científico uma possibilidade de melhorar o desempenho dos educandos, bem como aumentar o interesse deles por temas relacionados à ciência.

No entanto, apesar das pesquisas já consolidadas com esta temática, surgem alguns questionamentos: Qual a importância de uma pesquisa dessa natureza? Por que buscarmos um

encontro das ciências com as artes cênicas? Por que uma experiência envolvendo o teatro com o Ensino de ciências? Qual a relevância social de uma pesquisa dessa natureza? Acreditamos ser possível apresentar os conceitos das diversas disciplinas em sala de aula através da dramaturgia e defendemos que essa aproximação possibilita a reflexão de assuntos que muitas vezes durante as aulas convencionais passam despercebidos pelos educandos, além de fortalecer os vínculos sociais, as noções de cidadania e as relações interpessoais dos educandos.

Este processo teatral na sala de aula é uma possibilidade de realimentação mútua em que, a partir da arte, divulga-se o conhecimento científico, ao mesmo tempo em que o conhecimento científico proporciona a elaboração de apresentações artísticas, sejam através da dramatização de peças de autores conceituados, de peças desenvolvidas pelos docentes, ou ainda textos elaborados pelos educandos.

Para Medina e Braga (2010):

O teatro, sendo um instrumento de comunicação por excelência, pode ter um papel muito importante na formação da opinião pública e a ciência abrange um variado rol de assuntos passíveis de serem representados de uma maneira interessante, divertida e agradável (MEDINA E BRAGA, 2010, p. 317)

Concordamos com Zanetic (2009) quando afirma que “física ainda é cultura em construção”. Por isso, defendemos que professores e professoras devam adentrar no universo da cultura e tornar o conhecimento artístico e o conhecimento cultural seus aliados para tornar as aulas de ciências mais palatáveis e envolventes.

Outros autores defendem que a implantação do lúdico durante as aulas de ciências é essencial para cativar os educandos, quando isto acontece o relacionamento deles com a disciplina de ciências tende a melhorar, estes autores que uma forma de levar o lúdico para a sala de aula é através do teatro científico.

Lyra et. al. (2013) propõem adotarmos o lúdico nas aulas de ciências para melhorar o desempenho dos educandos, ao pesquisarem sobre materiais didáticos que propiciem tal adoção, os autores citam o uso do teatro científico com véis lúdico.

Para Silveira, Ataíde e Freire (2009) o teatro pode ser o ponto de partida para despertar o interesse, divulgar informações e popularizar de forma lúdica o conhecimento das ciências, diminuindo deste modo o analfabetismo científico do Brasil.

Percebemos que são várias as possibilidades para adotar o teatro científico nas aulas de ciências. Ao verificarmos esta vasta possibilidade de utilização, buscamos fazer uso do teatro científico durante as aulas de Ciências, para abordar questões relacionadas à Astronomia, por meio de um texto intitulado “Escolinha da Ciência: uma aula de Astronomia”

2.3 - A peça Escolinha da Ciência: uma aula de Astronomia

A peça escolhida para realizarmos a montagem foi *Escolinha da ciência uma aula de astronomia*¹, O texto é uma comédia nos moldes da escolinha do professor Raimundo cujas perguntas giram em torno da Astronomia.

O cenário é simplesmente uma pequena sala de aula tipicamente tradicional. Com um pequeno quadro-negro, alguns livros e um globo sobre a mesa. O professor é adepto do método tradicional de ensino, é idoso e está prestes a se aposentar. O corpo discente é formado por jovens e adultos, fora da faixa etária escolar.

O texto traz à tona alguns conflitos sociais, tais como a questão do preconceito linguístico e a questão da exclusão de alguns educandos por possuírem algumas particularidades, e nos convida para debater o fato de certos professores ficarem focados apenas nos livros didáticos, em vez de pesquisarem em outras fontes, de modo que não ensinem conceitos ultrapassados.

Na constituição da peça, temos 12 personagens, os quais são: Narrador, Professor, Raimundo Pinguço, Severino Tibúrcio, Biu de Nem, Maria Catequista, Bruna Curie, João do Gogó, Zefinha Boa, Carioca, Dona Rosa Bela, Dona Formosa e Seu Biu Cambimba. Cada personagem possui uma característica própria.

¹ Texto escrito pelo Professor do Departamento de Física da UEPB, Dr. Marcelo Gomes Germano e encenada inicialmente pelos educandos do curso de Licenciatura Plena em Física da UEPB, durante os anos de 2010 e 2011, à época participamos do elenco inicial, desempenhando o papel do professor, o qual foi desenvolvido durante nossa formação docente pela UEPB tanto na graduação, quanto na pós-graduação em nível de Mestrado. O texto original encontra-se no anexo.

O texto é repleto de perguntas e respostas sobre modelo cosmológico, ano-luz, galáxias, constelações, inclinação e movimentos do planeta Terra, sistema solar entre outros assuntos atuais sobre a nossa galáxia e o universo conhecido pelo homem.

Veremos a seguir alguns trechos presentes na peça Escolinha da Ciência: Uma aula de Astronomia, o texto completo encontra-se em anexo.

Professor: - Meus queridos e minhas queridas, a nossa aula de hoje será dedicada ao estudo de uma das mais antigas das ciências: a Astronomia. Em termos atuais pode-se dizer que a astronomia é uma visão do cosmos construída em consonância com os conceitos operacionais da ciência moderna. É a ciência dos astros e, como tal, tem o objetivo de estudar a origem, posição, forma, constituição, distância, organização e movimentos dos corpos celestes.

Professor: - Vamos iniciar nossa aula com um pouco de história. (...)

Professor:-No ano de 1543 Nicolau Copérnico, um astrônomo Polonês publicou um trabalho que, entre outras coisas, mostrava que a terra não estava parada no centro do universo, mas girava em torno de si mesma e, juntamente com os outros planetas, girava ao redor do Sol. Por causa do nome do astrônomo, essa grande revolução na ciência ficou conhecida como REVOLUÇÃO COPERNICANA

Professor: - Seu Severino Tibúrcio!

Severino Tibúrcio – É, é, comigo?

Professor: - É com o senhor mesmo. Ainda falando de Astronomia. Quantos são os planetas do sistema Solar?

Severino Tibúrcio - Isso é pergunta que se faça? Desde pequeno que eu aprendi que são 09.

Professor: - Desculpe eu ter que discordar, mas o senhor está errado. Os planetas do sistema solar são 08. (GERMANO, 2009 , p. 1-9)

Notamos a comichão do texto ao trabalhar com alguns estereótipos, desde o educando com dificuldades na dicção, ao educando com problemas relacionados aos vícios, tais como as drogas lícitas, porém ao longo do texto as explicações científicas dos fatos relacionados à astronomia conseguem ser absorvidas na medida em que os educandos começam a adentrar no texto tanto por meio da leitura em sala de aula, quanto pela apresentação da peça.

Percebemos também o desenvolvimento do pensamento crítico quando os educandos começam a levantar indagações para o professor acerca dos conteúdos ministrados. Notamos no trecho apresentado que o professor aborda temas ligados a História da Revolução

Copernicana. Apresenta o sistema solar e seus planetas, tendo dificuldade em convencer os educandos que o sistema solar passou a ser composto por oito planetas, ao invés dos nove como eram ensinados anteriormente, e que Plutão continua no céu, porém, passou a ser considerado um planeta anão. Quando o professor apresenta as causas do inverno e do verão começa uma verdadeira batalha, ele explicando com as teorias existentes no livro texto, e os alunos o questionando com base em seus conhecimentos prévios. Neste momento o professor percebe que precisa procurar novas fontes de pesquisa e trazê-las para a sala de aula.

A peça apresenta questões relacionadas à ciência de forma descontraída, porém traz os conceitos corretos ao final de cada explanação, de tal modo que os espectadores e atores saem com uma visão mais ampla sobre a Astronomia, compreendendo os aspectos principais desta ciência.

Cremos que nossa pesquisa se constitui em uma importante iniciativa no sentido de aproximação da ciência com a arte através da inserção de aspectos teatrais nas aulas de Ciências. Uma intervenção que procura situar o discurso da ciência no universo da cultura do educando, fazendo com que a partir do lúdico possamos cativar os educandos, diminuindo o índice de evasão escolar e melhorando o relacionamento entre os educandos, e deles para com os professores.

3. Metodologia

3.1 Caracterização da Pesquisa

Essa pesquisa foi desenvolvida nas dependências de uma escola pública do estado da Paraíba situada no Município de Campina Grande e foi orientado para uma clientela de educandos do segundo ano do ensino médio.

A pesquisa foi iniciada em agosto de 2013 e concluída em março de 2014, percebemos que esta pesquisa proporcionou aos educandos o contato com o teatro durante as aulas de física, esse contato melhorou, consideravelmente, o comportamento de alguns educandos, os quais atualmente estão cursando a terceira série do Ensino Médio.

3.2 Natureza da Pesquisa

A nossa pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque na abordagem da Pesquisa-ação em Educação, a qual é bastante adotada em diversos países, inclusive no Brasil. Pereira (2011, p.153) ao falar sobre o pensamento de Elliott² afirma que “ a dimensão da pesquisa-ação como meio de produzir conhecimento sobre os problemas vividos pelo profissional, com vista a atingir uma melhora da situação, de si mesmo e da coletividade.”

Com o intuito de produzir conhecimento sobre os problemas relacionados ao ensino de ciências e propor alternativas para a melhoria desse ensino, encontramos na metodologia da pesquisa-ação uma aliada para desenvolvermos nossa pesquisa.

A pesquisa-ação conforme Pereira (2011, p. 162):

Tanto para Elliott³ (1993), como para outros autores, que tomam a pesquisa-ação como base para a melhora da ação prática, a característica mais marcante dessa abordagem é a de ser um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, onde cada espiral inclui:

- * Aclarar e diagnosticar uma situação prática ou um problema prático que se quer melhorar ou resolver;
- * Formular estratégias de ação;
- * Desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência;
- * Ampliar a compreensão da nova situação(situação resultante);
- * Proceder os mesmos passos para a nova situação prática.

Nossa pesquisa seguiu as etapas apresentadas acima, pois buscamos melhorar o relacionamento dos educandos e docentes, juntamente com a diminuição do índice de evasão escolar (primeira etapa); buscamos ensinar ciências através do teatro científico (segunda etapa); Montamos a peça, apresentamos na escola e avaliamos com os espectadores e educandos o impacto da mesma (terceira etapa); Entrevistamos os educandos no início do ano letivo 2014 (quarta etapa).

2 ELLIOTT, J. (1978). What is action-research in schools? Journal of Curriculum Studies, vol. 10, n. 4, out-dez.

3 ELLIOTT, J. (1993). El cambio educativo desde la investigación-acción. Madri: Morata.

3.3 As etapas da pesquisa

Inicialmente trabalhamos o texto da peça por meio de leituras. Nesta primeira etapa realizamos um debate sobre a Astronomia, o que foi de suma importância para estreitar a relação entre educandos e docentes.

Na segunda etapa realizamos alguns questionamentos sobre os temas tratados na peça, e propomos aos educandos a montagem e apresentação da mesma. Neste momento da pesquisa, realizamos a escolha dos alunos que seriam os personagens, além dos preparativos da montagem da peça.

Na terceira etapa montamos a peça e a ensaiamos durante o horário das aulas por um período de três semanas consecutivas, totalizando seis encontros. Após os ensaios, apresentamos a peça na escola e avaliamos juntamente com os espectadores e estudantes o seu olhar acerca do trabalho realizado com o teatro científico. Para tal elaboramos dois questionamentos que foram aplicados em forma de entrevista no início do ano letivo de 2014.

4. Resultados

4.1 Relatando a Experiência do Teatro na Escola: Aprendendo Astronomia com o teatro

Ao chegar na escola com os textos impressos, os distribuímos e iniciamos a leitura. A primeira leitura ocorreu durante uma aula de Física no dia 05 de agosto de 2013. Com a atividade percebemos a concentração dos educandos ao lerem o texto, cada um querendo o melhor papel, exceto um estudante que permaneceu no final da sala, e não se dispôs a atuar, os demais estavam todos engajados na leitura do texto. A Figura 1 ilustra este momento de leitura.

Figura 1 - Primeira leitura da peça Escolinha da ciência



Fonte: Fotos do autor, agosto de 2013.

Ao final desta aula os educandos começaram a escolher os papéis que desempenhariam, por isso foi necessário em outra aula fazermos uma seleção, para definirmos quem seria qual personagem, exceto o papel de professor que nesta montagem passou a ser professora e foi interpretado pela estudante que se identificou com o personagem.

Realizamos mais cinco ensaios e no dia 26 de agosto, foi apresentada a peça para os demais estudantes do Ensino Médio e Ensino Fundamental da escola. Pelo fato dos estudantes não serem atores, encontramos outras dificuldades relacionadas ao tempo de montagem da peça. Por isso, optamos pela técnica da leitura dramatizada.

Esta técnica foi utilizada por Silveira (2011, p. 81), em Pesquisa de Doutorado realizada no ano de 2011, o qual define a Leitura Dramatizada da seguinte forma “técnica da leitura dramatizada, em que os atores com o texto em mãos leem e interpretam através de inflexões vocais, expressões faciais e de gestos econômicos.”

Durante a montagem da peça cada estudante ficou responsável por elaborar seu figurino e no dia da apresentação, todos desempenharam seus papéis. A Figura 2, ilustra alguns momentos da apresentação da peça.

Figura 2 - Apresentação da Peça Escolinha da Ciência uma aula de Astronomia na escola



Fonte: Fotos do autor, agosto de 2013.

Uma semana após a apresentação da peça, os educandos que participaram diretamente e indiretamente da montagem e apresentação da mesma foram inquiridos, sobre questões ligadas a Astronomia, além de seu olhar sobre a atividade desenvolvida com o teatro.

No mês de outubro de 2013 aconteceu o III ENID-UEPB – Encontro de Iniciação a Docência da UEPB, o evento ocorreu no campus I da UEPB em Campina Grande. Elaboramos um relato de experiência e enviamos para o evento. Ao apresentarmos o trabalho em forma de relato de experiência, os estudantes da escola encenaram uma das cenas da peça em um dos Grupos de Trabalho (GTs) do evento, o que foi de grande importância para os mesmos, mostrando-nos que atividades desenvolvidas na escola, podem transpassar suas barreiras e ganhar novas dimensões. A figura 3 ilustra este momento de interação dos estudantes da escola que desenvolvemos a pesquisa e a comunidade acadêmica.

Figura 3: apresentação de trechos da peça no III ENID-UEPB em outubro de 2013.



Fonte: Fotos do Autor, outubro de 2013.

Outro fato interessante a ser relatado é que um estudante que nos primeiros bimestres não demonstrava interesse na disciplina de física e nas demais disciplinas, que geralmente ficava isolado na sala de aula, após participar da peça passou a interagir com o restante da turma e também demonstrou um aumento considerável no interesse pela disciplina.

4.2 A voz do aluno sobre o Teatro Científico

As questões abaixo constituíram as duas perguntas que também foram realizadas como avaliação dos trabalhos com o teatro científico. Na sequência apresentamos alguns recortes de falas dos entrevistados e uma breve análise das mesmas.

Questão 1: Qual a mensagem da peça? Quais os assuntos mais importantes trazidos no texto?

Questão 2: O que você achou da metodologia empregada, em utilizar o teatro para comunicar assuntos científicos?

De acordo com a fala dos entrevistados detectamos que os assuntos de Astronomia

trazidos no texto da peça foram apontados pelos mesmos, levando-nos a entender que a peça abordou os assuntos de forma satisfatória. Vejamos as falas de alguns dos entrevistados.

Estudante 1: “A peça apresentada pelo segundo ano foi muito interessante, pois falou sobre astronomia nos mostrando e lembrando que o planeta “plutão” não conta mais ele agora é chamado de planeta anão, e não entra mais no total de planeta que agora é 8.”

Estudante 2: “ Os alunos do segundo ano, tentaram passar para nós, a partir de uma peça, que retrata uma sala de aula com os alunos debatendo com a professora sobre astronomia, a velocidade da luz, a quantidade de planetas existentes no espaço que eram nove, mas depois de pesquisas descobriram que plutão é um planeta anão”

Estudante 9: “Na escolinha da ciência a gente passou para as pessoas fatos da astronomia de forma engraçada e divertida, do rebaixamento de plutão, o fato dele ter sido homenageado no desenho.”

Estudante 11: “ Bom na escolinha da ciência, podemos aprender de forma humorista alguns pontos da astronomia de como plutão foi rebaixado, de como ele foi homenageado através do desenho pluto. A peça foi apresentada na biblioteca do colégio. Com atores compostos pela turma do segundo ano, que através de perguntas e respostas, trouxeram humor e conhecimento juntos de uma só vez”

Estudante 13: “ O 2º ano apresentou a “escolinha da ciência” relatando sobre a importância da astronomia que é uma ciência natural que estuda corpos celestes como (estrelas, planetas, cometas, nebulosas, aglomerados de estrelas e as galáxias) com a encenação dos alunos, cada um tinha seu personagem na peça. E a professora fazendo perguntas sobre esse assunto para cada um de seus alunos, e mostrando como é importante o conhecimento da astronomia,”

Notamos que os estudantes (atores e espectadores da peça) tiveram um bom entendimento sobre os assuntos tratados no texto da peça, neste sentido, entendemos que o teatro científico tem um potencial de divulgação de temas científicos e o mesmo se bem trabalhado em sala de aula, pode ser utilizado como um novo recurso metodológico para o ensino de ciências.

Sobre esta especificidade do teatro científico, analisemos duas falas dos estudantes, ao responderem a Questão 2.

Estudante 10 “ Na peça foi uma apresentação legal em que as ideias do professor foi de ver o desempenho da turma sobre novos projetos na escola. Os colegas por serem primários se esforçaram e tiveram um desempenho bom. Até alguns surpreenderam. Mas eles tinham que ter ensaiado mais para sair perfeita a apresentação. Que cada

vez mais o professor junto com os alunos tenham ideias que levem os alunos a interagir cada vez mais uns com os outros para um bom desempenho”

Estudante 15: “Foi ótima. É a chance para aqueles que são tímidos interagir com a turma é um método muito interessante para o aprendizado de cada aluno. É uma tristeza que são poucos os que dão o real valor. É disso que precisamos para saímos do método tradicional... Que apareça mais oportunidades para os alunos levarem os estudos à sério”

Ao analisarmos o grau de aceitação da metodologia percebemos nas respostas que a abordagem teve uma boa aceitação, apesar do estudante 15 ter citado que alguns de seus colegas não se interessaram pela abordagem, percebemos que o nosso papel quanto professor é sempre o de cativar, criar possibilidades e integrar o máximo possível os educandos. Contudo, identificamos nas duas respostas que o teatro é apontado como uma possibilidade de melhoria de interação entre os estudantes que são tímidos com o restante da turma.

Gostaríamos de mencionar que por meio dessa atividade envolvendo o teatro para comunicar ciências conseguimos integrar três estudantes que estavam dispersos durante as explicações de outros conteúdos em aulas passadas, que mostravam-se pouco interessados pela disciplina de física, e foram os que melhor atuaram como atores da peça de teatro.

Também gostaríamos de destacar que alguns dos estudantes afirmaram não ter entendido nada, ou não se lembrarem de nada, o que acontece em uma aula nos moldes convencionais, percebemos que o teatro não será a salvação das aulas de ciências, mas ele pode ser muito útil para formar grupos integrados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o papel do professor na contemporaneidade é bastante complexo, não se limita mais as aulas padronizadas, ditas convencionais, o professor deve está sempre inovando, buscando experiências que despertem o interesse do estudante pela sua disciplina seja no ramo das tecnologias ou no ramo das artes.

Percebemos que as questões de pesquisa por nós apresentadas foram respondidas, a considerar que conseguimos identificar a importância da aproximação da ciência com a arte, em especial com o teatro, apresentando além dos resultados relacionados a aceitação dessa relação enquanto recurso de divulgação e ensino de ciências, a relevância social obtida com os resultados dessa pesquisa. Constatamos que é possível apresentar temas científicos em sala de aula através da dramaturgia e que essa aproximação entre a ciência e a arte possibilita a reflexão de assuntos que muitas vezes durante as aulas convencionais passam despercebidos pelos estudantes, além de fortalecer os vínculos sociais, as noções de cidadania e as relações interpessoais dos educandos.

Ressaltamos que a utilização do teatro em sala de aula não deve ser vista como a solução para a falta de interesse dos educandos, mas ela é uma possibilidade, e se for bem utilizada pode trazer benefícios duradouros, não apenas em uma disciplina, mas em todas as outras. No nosso caso conseguimos atrair a atenção de três educandos que não demonstravam interesse nas aulas convencionais de ciências, e se tornaram os mais atuantes na peça de teatro.

Assim acreditamos que a nossa proposta foi enriquecedora, a considerar que após esta experiência há a possibilidade de formarmos um grupo de teatro na escola. Desse modo, entendemos que é necessário investir em novas estratégias de ensino, a fim de transformar a sala de aula num laboratório e consequentemente provocar mudanças no âmbito da escola.

Com relação a evasão escolar percebemos os estudantes que fizeram parte do projeto não desistiram naquele ano letivo, e se matricularam novamente na escola para o ano seguinte, mesmo os que não atingiram a aprovação se matricularam na escola.

6. REFERÊNCIAS

ASTOLFI, Jean-Pierre; DELEVAY, Michel; **A didática das ciências**- trad. Fonseca, S. S. Magda- Campinas, SP: Papirus, 1990.

BARBOZA, P. L. **Educação em questão: recortando temas e tecendo idéias**. Campina Grande. EDUEPB. Selo Latus. 2010.

BRASIL. **PCN+**: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários a Prática docente**, Paulo: Paz e terra, 1996.

GERMANO, M. G. **Escolinha da Ciência: uma aula de Astronomia**, 2009. Texto não publicado.

GUSMÃO, T. C. R. S. **Em cartaz: razão e emoção na sala de aula**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009.

JORNAL DA PARAÍBA, acesso em 27/04/2014, disponível em:
http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/121167_24-cidades-nao-gastam-minimo-com-educacao

LIMA, J. M; SILVEIRA, A. F; GERMANO, M. G. **Ensinando astronomia através do teatro: uma possibilidade de transformação na escola**. In Anais ENID / UEPA (2013) - Volume 1, Número 1, ISSN 2318-7379

LYRA, J. F. et al. **Materiais Didáticos Lúdicos para o Ensino de Ciências**, In. Congresso Internacional de Educação, Pesquisa e Gestão, 5. 5º CIEPG, 2013, p. 1-9, Ponta Grossa-PR, Realização Instituto Sul Americano de Pós-graduação, Ensino e Tecnologia-ISAPG, ISSN 2176-1868. Disponível em <http://www.isapg.com.br/2013/ciepg/selecionados.php>, acesso em 27/04/2014.

MEDINA, M.; BRAGA, M. O teatro como ferramenta de aprendizagem da física e de problematização da natureza de ciência. **Cad. Bras. Ens. Fís.**, v. 27, n. 2: p. 313-333, ago. 2010.

MORIN, E. Trad. Silva, Catarina E. F. e Sawaya, Jeanne. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**, 2ª Ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF, 2000.

OLIVEIRA, D. B. e ABREU, W. F. A filosofia freireana e a Teoria do Currículo, In **Educação: enfoques, problemas, experiências**. Orgs. NASCIMENTO, A. W. S. e RIBEIRO, J. O. S. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 92 – 118, 2010.

OLIVEIRA, N. R, ZANETIC, J. A presença do teatro no ensino de física. **Encontro de Pesquisa em Ensino de Física**, 9. 2004, Jaboticatubas, MG, Anais IX EPEF, NASCIMENTO, S. S, MARTINS, I; MATTOS, C. R, HARRES, J. B. Orgs. Jaboticatubas, MG, 2004, CD ROM, ISBN 85-89064-03-04.

PEREIRA, E. M. A. Professor como pesquisador: enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: GERALDI, C. M. G; FIORENTINI, D; PEREIRA, E. M. A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor (a)-pesquisador(a)**. 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 153-181.

SILVA, A. F. G; SOUZA, A. I. E; NOBRE, F. A. S. Uma experiência de aplicação da sequência Fedathi no Ensino de Física. In. **Sequência Fedathi: uma proposta pedagógica para o ensino de Ciências e Matemática**. SOUSA, F. E. E, et al.[Org.] Fortaleza: Edições UFC, p. 119-128, 2013.

SILVEIRA, A. F. **O teatro como instrumento de humanização e divulgação da ciência (manuscrito): um estudo do texto ao ato da obra *Copenhague* de Michael Frayn** /Alessandro Frederico da Silveira. – 2011. 234 f. Digitado. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2011. “Orientação: Prof. Dr. Aurino Ribeiro Filho, Instituto de Física – UFBA”. “Co-Orientação: Profa. Dra. Ana Paula Bispo da Silva, Departamento de Física - UEPB”.

ZANETIC, J. Física Ainda é cultura! In MARTINS, A. F. P. **Física Ainda é cultura?** São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 176-189, 2009.

ANEXO - Escolinha da Ciência: Uma Aula de Astronomia

ESCOLINHA DA CIÊNCIA: UMA AULA DE ASTRONOMIA

Marcelo Gomes Germano
Professor do Departamento de Física da UEPB

“Eu poderia crer somente num deus que dançasse. E quando vi o meu demônio eu o encontrei sério, rigoroso, profundo e solene: era o espírito da gravidade – por ele todas as coisas afundam. Não se mata por meio do ódio. Mata-se por meio do riso. Venham, vamos matar o espírito da gravidade” (Nietzsche)

O cenário é simplesmente uma pequena sala de aula tipicamente tradicional. Com um pequeno quadro negro, alguns livros e um globo sobre a mesa. A sala de aula deve ficar numa posição diagonal que permita uma interação frontal entre os alunos e o professor, e de ambos, com a platéia. Ao som de uma típica música nordestina, as cortinas se abrem e o espetáculo se inicia.

Professor 4: Meus queridos e minhas queridas, a nossa aula de hoje será dedicada ao estudo de uma das mais antigas das ciências: a Astronomia. Em termos atuais pode-se dizer que a astronomia é uma visão do cosmos construída em consonância com os conceitos operacionais da ciência moderna. É a ciência dos astros e, como tal, tem o objetivo de estudar a origem, posição, forma, constituição, distância, organização e movimentos dos corpos celestes.

Professor - Vamos iniciar nossa aula com um pouco de história.

Professor: - Senhor Raimundo Pinguço⁵!

* Depois de procurar o colega, a turma responde que Seu Raimundo Faltou. Quando o professor se prepara para chamar o próximo estudante na lista de chamada, seu Raimundo surge do meio da platéia com uma mala dessas antigas e um paletó velho amarrotado. Ele entra cantando: hei hei hei, sem você não viverei

Professor: - Seu Raimundo, chegando atrasado novamente? Parece que o senhor já bebeu hoje.

Raimundo Pinguço: Bebi, porque eu sou caba home, eu sou caba home!

Professor: Eu sei que o senhor é Homem, e é um homem que deve ter estudado muito bem a lição sobre história da Astronomia.

4 O professor é o típico professor autoritário e tradicional: cabelos brancos, óculos grande uma bata branca bem engomada.

5 O personagem é um bêbado com roupas rasgadas e uma mala velha na mão. Olhos cheios de olheiras e cabelos assanhados. Uma gravata torta e sapatos de marcas diferentes.

Raimundo Pinguço: Estudei e pesquisei tudo que o senhor mandou e tá tudo guardado aqui (se dirigindo para maleta) nos meu apontamento.

* Abre a maleta e tira uma pequenina cadernetinha de anotações toda suja e amassada, entregando-a ao professor.

Professor: Já que o senhor estudou tudo direitinho, pode me responder o que foi a Revolução Copernicana?

Raimundo Pinguço: Essa é garapa! Eu respondo sem precisar beber nadinha. Eu respondo sóbrio. Sóbrio!

O caso é que eu apostei com o Zezinho Rum Montila que o Papa Bento 16 não vinha visitar o nosso morro do Urubu aqui no Nordeste. Zezinho inventou que o Papa ia dar um anel de ouro pros muleque aqui da favela. Eu disse a ele que com tanta violência o Papa num ia nem botar a cara na janela daquele jeepe de vrido . O velho não apareceu e ele teve que pagar 05 copos de cana pro papai aqui. Mas, quem disse que o malandro quis pagar a pinga? Num queria pagar de jeito nenhum. Ai começou a maior revolução. Chutou cadeira quebrou garrafa. Chamou a atenção da vizinhança toda. Até que apareceu toinho boca de caçapa e resolveu a parada. Ele falou o seguinte:

Raimundo Pinguço - Gente! Vamos acabar com essa revolução por causa de UM COPO DE CANA. Eu pago essa porcaria e pronto. É isso aí professor. Essa foi a revolução que ficou conhecida no Bairro da boca como a REVOLUÇÃO COPO DE CANA. Agora diga logo a minha nota que eu já sei que vai ser dez.

Professor: - Seu, seu, seu. Você nunca ouviu falar em Nicolau Copérnico? O eminente astrônomo Polonês que retirou a Terra do Centro do Universo, provando que ela não estava parada, mas girava em torno de si mesma e ao redor do Sol? Esta foi uma das mais importantes revoluções científicas da história da humanidade, sabia? - O senhor não sabia?

Raimundo Pinguço - Eu sabia! Eua sabia! Eu sabia que de uns meses pra cá a Terra tava rodando. Antes eu tomava uma pinga e tudo ficava numa boa. Agora depois que esse cara tirou a terra do lugar, tudo fica rodando. Como é mesmo o nome desse Polonês? Ele deve ter encharcado a terra com Vodka.

Professor: - Nota zero! E vá sentar.

Professor: No ano de 1543 Nicolau Copérnico, um astrônomo Polonês publicou um trabalho que, entre outras coisas, mostrava que a terra não estava parada no centro do universo, mas girava em torno de si mesma e, juntamente com os outros planetas, girava ao redor do Sol. Por causa do nome do astrônomo, essa grande revolução na ciência ficou conhecida como REVOLUÇÃO COPERNICANA.

Professor: - Seu Severino Tibúrcio6!

6 O personagem é um gago de pavio muito curto que, a medida que vai se irritando, vai gaguejando mais intensamente. O figurino pode ser um pequeno chapel. de massa, e um bigodinho tipo Charles Chaplin. As

Severino Tibúrcio – É, ã, comigo?

Professor: - É com o senhor mesmo. Ainda falando de Astronomia. Quantos são os planetas do sistema Solar?

Severino Tibúrcio - Isso é pergunta que se faça? Desde pequeno que eu aprendi que são 09.

Professor: - Desculpe eu ter que discordar, mas o senhor está errado. Os planetas do sistema solar são 08.

Severino Tibúrcio - Como oito? O senhor nunca estudou ciência não? Pois eu vou lhe ajudar: os planetas do sistema solar são nove e todos vão contar junto comigo: Mercúrio(um) Vênus(dois) Terra(três) Marte(quatro), Júpiter(cinco), Saturno(Seis), Urano(Sete), Netuno(oito) e Plutão(nove).

Professor: - Calma seu Severino, eu explico. O problema é que plutão foi rebaixado da categoria de planeta. Os astrônomos, depois de um grande debate, decidiram que Plutão é muito pequeno para ser considerado um planeta. Assim ele passou a ser considerado um planeta anão.

Severino Tibúrcio – Anão... anão, o senhor gosta de desenho animado?

Professor - Gostava muito, mas hoje não tenho mais tempo pra assistir desenho.

Severino Tibúrcio – o senhor já assistiu desenho de Mickey Mouse?

Professor – Claro que sim

Severino Tibúrcio – sabe como é o nome do cachorrinho de Mickey?

Professor – não, eu não me lembro. Por quê?

Severino Tibúrcio – turma, vocês sabem como é o nome do cachorrinho de Mickey?

OBS: A turma toda responde: é Pluto

Severino Tibúrcio – esse nome PLUTO foi uma homenagem ao planeta plutão quando ele foi descoberto no ano de 1930. Antes o nome do cachorro era Rover e agora ele é PLUTO.

Professor: Calma seu Severino, tudo continua normal. O planeta plutão continua no mesmo lugar, apenas a sua classificação foi modificada. Agora ele não é mais um planeta, e sim um planeta anão.

Severino Tibúrcio - E por que eles não viram isso antes? Quanto tempo já faz que plutão é planeta? Toda vida Plutão foi planeta e agora eles vão querer mudar o mundo. E se eles disserem que o Sol não é mais Sol, o senhor acredita? Que qualidade de professor é o senhor?

E se eles disserem que o senhor vai ser rebaixado a condição de Sidney Magal? Os planetas são nove, a Lua é um satélite da Terra, Júpiter é o maior planeta e Plutão é o menor, foi assim que me ensinaram. Agora eu quero minha nota.

Professor: – Tudo bem, como o senhor mostrou um bom conhecimento em astronomia, a sua nota é (9,0).

Severino Tibúrcio - Nove uma cucuia. Nove são os planetas, minha nota é 10. Eu não errei nada e o senhor vai rebaixar minha nota? Só porque os astrônomos rebaixaram o planeta Plutão não pense que comigo vai ser a mesma moleza. Eu não aceito discriminação! Eu vou sair dessa porcaria de escola.

Professor: Por favor, alguém pode me ajudar a acalmar seu Severino?

Professor: - Seu Biu de Nem ?! Seu Biu de Nem?!

Todos - É você rapaz, é com você mesmo!

Biu de Nem⁷ - Pode dizer , professor.

Professor: - Como o senhor é um homem do campo já deve ter observado o céu em uma noite bem escura e deve ter visto uma grande nebulosa como se fosse uma fumaça. Na verdade aquilo é um aglomerado de estrelas que forma uma galáxia muito importante. Qual o nome desta galáxia?

Os colegas sopram para ele com voz baixa, mas o público deve ouvir.

Todos – é a Via lacta

Todos - Via Lacta, mas, fala diferente

Biu de Nem - Como ? Como ?

Seu Raimundo Pinguço (gritando) - Via lacta, mas fala diferente.

Biu de Nem - Farinha Lacta Nestlé com mais alguns ingredientes.

Professor: - Como é que é? Será que eu ouvi direito?

Biu de Nem - Farinha Lacta Nestlé com mais alguns ingredientes.

Professor: - Eu não acredito no que estou ouvindo! Farinha Láctea é a sua Mãe.

Professor: - Sua nota vai ser redonda como a tampa da lata de sua farinha. Já sabe qual é sua nota?

⁷ O personagem é meio surdo e desligado, não escuta bem o que o professor está falando. Os cabelos são esbranquiçados e a roupa deve ser simples e austera.

Biu de Nem: Sei não senhor.

Professor: - É zero!

Professor: - A galáxia que eu mencionei chama-se VIA LACTEA, também conhecida como Caminho de Santiago. Essa região é composta por uma imensidão de estrelas (cerca de 125 bilhões), enquanto o Universo conhecido conta com mais 10 bilhões galáxias.

Professor: - E já que estamos falando da Via Láctea, é importante lembrar que, a aproximadamente 30.000 anos-luz do centro desta galáxia, encontra-se uma estrela muito “especial”. Muito especial mesmo.

Professor: - Dona Maria Catequista⁸, a senhorita saberia me dizer que estrela é essa?

Maria Catequista: - Minha Nossa Senhora, se eu não soubesse disso o Padre me botava pra fora das aulas do catecismo. Isso é muito fácil, né professor? Veja bem, se a estrela que o senhor quer, fica no meio da Via Láctea que é uma via para o caminho de São Tiago, que fica logo depois da entrada para a casa de São João que é vizinha da morada de São Pedro, com certeza só pode ser a ESTRELA DE DAVI.

Professor: - Pois eu digo a senhora que não é estrela de Davi coisa nenhuma. A estrela a qual me refiro, é O SOL. E a senhora devia pedir a deus um pouco mais de inteligência.

Maria Catequista: – O senhor é quem tá ficando doido. Vou colocar o seu nome nas intenção da santa missa. Num sabe que as estrelas são tudo piquinininha? O Sol é grande demais pra ser uma estrela, Home. E tem mais uma coisa, as estrelas só aparecem de noite e o Sol aparece de dia. As estrelas são frias e o Sol é quente.

Professor: – Dona Bruna Curie⁹, pelo amor de Deus me ajude.

Bruna Curie: – O Sol é mesmo uma estrela como outra qualquer, mas torna-se especial porque carregar consigo, entre os seus oito planetas, a nossa pequena e amada TERRA. O Sol é uma estrela de quinta grandeza que fica um pouco afastada do centro da galáxia. Ele nos parece maior, simplesmente pelo fato de estar mais perto da Terra. As outras estrelas por estarem muito longe parecem menores. As estrelas também estão no céu durante o dia, não conseguimos enxergá-las porque o brilho do Sol é muito mais intenso. As estrelas também são quentes, mas por estarem muito longe não sentimos o calor de suas luzes.

Professor: – Nota mil, eu gostaria de ter uma filha assim! Pode sentar dona Bruna Curier.

Professor: – Vamos ver quem é que eu vou chamar agora... Seu João do Gogó **10**

8 A personagem é uma beata de igreja, cheia de fitas do senhor do bom fim, vários terços no pescoço e um nas mãos. É importante que use um véu. Sua fala é nordestina e muito convicta de suas posições.

9 A personagem é uma aluna chata e pedante, uma típica estudante sabe tudo que é muito paparicada pelo professor e odiada pelo restante da turma. Seu figurino é muito próximo de uma mestra de cerimônias ou recepcionista de eventos. Sempre de cabeça erguida e com voz firme e melodiosa, anuncia as respostas certas como se estivesse desdenhando de seus colegas menos inteligentes.

10 Seu João do Gogó é uma espécie de advogado de quinta categoria, cheio de lábia e bajulação para enganar o professor. Seu figurino pode ser uma camisa de manga comprida bonita com uma gravata colorida, ou

João do Gogó: - Amado Mestre, minha alma estremece diante do retumbar de vossa voz. Ensinaí-nos, Ensinaí-nos, ó grande eminentíssima sabedoria.

Professor: – Não comece com sua enrolação. O Senhor não vai precisar disso porque a pergunta é muito simples e eu sei que o senhor deve saber com muita facilidade.

João do Gogó: – Falai ! falai que eu sou de todo ouvidos meu amado Guru.

Professor: – O que é um ano-luz ?

João do Gogó: – Amado e inoxidável Guru, todos sabem que tu és a maior autarquia do conhecimento, uma verdadeira ressonância inexorável de sabedora. Dizei, pois, para esta turma de humildes: o que vem a ser um ano Luz?

Professor: mas foi justamente isso que eu lhe perguntei

João do Gogó: Claro, Claro, meu desoxirribonucléico guru. Certamente este é um fato muito conhecido da maioria dos estudiosos da eletricidade pública do Município de Alagoinha da Pedra. Quando no ano de 1962, mais precisamente às 18 horas foi ligada a luz elétrica. Aconteceu uma grande festa naquela cidade, com a presença do Governador do Estado e da retreta do Mestre Felix. Aquele ano ficou conhecido como o Ano da chegada da luz naquela localidade. O ano da Luz. O Ano-luz!

Professor: – Não passou nem perto. Mas eu vou lhe dar mais uma chance. Não deveria, mas eu vou tentar lhe ajudar. Pense na velocidade da luz.

João do Gogó: – Capitei minha incomensurável desoxirribonucléica sabedoria. Como fui incompetente em não saber que se tratava de um acontecimento relacionado com a velocidade da luz. A velocidade com que toda a grande cidade de São Paulo ficou no escuro durante o grande apagão em 2002. Não deu tempo de ninguém se preparar, pois a velocidade da luz é muito grande e ela vai embora tão rápido que não dá tempo nem para acender uma vela ou um lampião. O ano sem luz foi o ano de 2002 que mais tarde, por economia de palavras, ficou conhecido como o a ano luz.

Professor: Meu amado e incomensurável Imbecil, sem luz é a sua pequenina inteligência. O ano luz é uma medida de deslocamento, muito utilizada para cálculos astronômicos. Preste atenção que é sua última chance. O ano luz é a distância percorrida numa vigem de 1 ano viajando com a velocidade da? Da? ... Lu ? Lu?

João do Gogó: Capturei vossa mensagem ó minha insofismável Sabedoria

João do Gogó: Com a velocidade da Luma de Oliveira. É a distância percorrida pelos membros da bateria do Império Serrano acompanhando a velocidade e o rebolado da Luma de Oliveira. Todo mundo muito contente, correndo e dançando durante um ano cheio de luz e beleza. Quanto mais rápido ela se deslocava a multidão corria enlouquecida numa velocidade

incrível.

Professor: Seu . seu. Seu...! Um ano luz é à distância percorrida pela luz em um ano. Se eu tivesse essa velocidade eu corria de perto de vocês.

Professor: – Dona Zefinha Boa 11

Zefinha Boa – Pronto, agora ele vai se vingar em mim.

Professor: - Dona Zefinha, a senhora saberia explicar para a turma como ocorre o inverno e o verão?

Zefinha Boa – Eu não falei que ia sobrar pra matuta aqui. Professor, num faça isso não. Só porque eu sou do sítio o senhor quer me prejudicar. Como é que eu vou saber? Pergunte a Deus que ele deve saber. Num foi ele que fez, só ele quem sabe.

Professor: Mas dona Zefinha, Deus nos deu sabedoria para agente entender como funcionam as coisas. As vezes o que parece muito difícil, é na verdade muito simples de explicar.

Zefinha Boa – Eu sei lá! Pergunte pra sua queridinha, ai.

Professor: – Pois a nota da senhora é um zero do tamanho da sua ignorância.

Professor: – Dona Bruna Curie, explique pra ela e para toda turma porque ocorre o inverno e o verão.

Bruna Curie: – Como todos já deviam saber, a Terra é uma grande bola solta no espaço e essa bola está rodando sobre si mesma. É sua rotação que provoca os dias e as noites. Acontece que, enquanto a Terra está girando, ela também está fazendo uma grande volta ao redor do Sol. Essa volta se faz em um ano. O caminho é uma órbita alongada chamada elipse. Além dessa curva ser assim achatada ou alongada, o Sol não está no centro. Isso quer dizer que em seu movimento a Terra às vezes passa perto, às vezes passa longe do Sol.

- Quando passa mais perto do Sol é mais quente: É VERÃO.

- Quando passa mais longe do Sol recebe menos calor: É INVERNO.

Professor: Muito bom! Eu queria ter uma filha assim.

Dona Zefinha levanta o braço

Professor : O que é agora, dona Zefinha? A senhora não já disse que só Deus é quem sabia?

Zefinha Boa: - Mas, professor a sua queridinha num disse que a Terra é uma bola e que tá girando enquanto faz a volta em volta do Sol?

Professor - Sim, ela disse, e daí? .

11 Dona Zefinha é uma típica matuta nordestina, daquelas que não leva desaforo pra casa. Seu figurino pode ser formado de um vestido de renda(daquelas de quadrilha), sandália de couro, avental e lenço na cabeça.

Zefinha Boa: - Pois então, se a Terra é uma bola, quando ela estiver mais perto do Sol, deve ser verão em toda a Terra, não é mermo?

Professor- É isso mesmo Dona Zefinha, e o que é que tem?

Zefinha Boa: - Então quando ela tiver mais longe também deve ser inverno em todo lugar e ao mesmo tempo?

Professor - Acho que é, mas, vamos seguir o assunto.

Zefinha Boa: - Mas, professor, enquanto a gente tá preparando o roçado e sonhando com uma chuvinha no mês de dezembro, aqui tá um verão e um calor de rachar e eu vejo pela televisão no jornal das oito aquela mulé dizendo que nos Estados Unido tá a maior tempestade de gelo num inverno muito grande. E mostra o povo tirando neve das casas com umas pá bem grande

Professor- É mesmo, dona Zefinha

Zefinha Boa: - Então é verão aqui e inverno lá?

P- Acho que é isso mesmo.

Zefinha Boa: - Quer dizer que existe verão e inverno ao mesmo tempo?

P- É dona Zefinha, mas vamos mudar de assunto. A senhora já está atrapalhando a aula e eu tenho um programa a cumprir.

Zefinha Boa: - Mas veja bem, como é que pode ser verão e inverno ao mesmo tempo em lugares diferentes, se a Terra, que é uma bola, deve estar perto ou longe do Sol? Uma das duas coisas tá errada.

- Se tem verão e inverno ao mesmo tempo, isso não podem acontecer porque a Terra tá perto ou longe do Sol. Não tem lógica.

Professor - Veja bem, está nos livros que a Terra descreve uma curva que se chama elipse ao redor do Sol, que este ocupa um dos focos e portando ela se aproxima e se afasta do Sol. Logo, deve ser por isso que existe verão e inverno e ponto final.

O carioca 12, levanta a mão

Professor: Pois não seu carioca, o que o senhor deseja?

Carioca: É o seguinte meu brother, estou achando que a coroa ai tem razão.

Professor: E como é que o senhor achou isso?

Carioca: Fica tranqüilo meu irmão que eu vou esclarecer a parada.

Professor: Só era o que me faltava, não bastasse Dona Zefinha agora vem você querendo atrapalhar a aula também.

12 O carioca, como o próprio nome sugere, é um garotão maneiro, de óculos escuro Ray Ban, toquinha Bad-boy, camiseta colada, bolsa de couro, etc.

Carioca: Qual é a tua meu? Eu só to querendo mostrar que a coroa ai tá ligada nas parada do inverno e do verão e sacou tudo numa boa.

Professor: Sacou o que seu incompetente?

Carioca: Calma ai meu, eu já disse que vou esclarecer a parada.

Carioca: - O negócio é o seguinte: quando morei no Rio de Janeiro, a melhor coisa que a gente tinha lá perto da favela era o aeroporto. Agente podia ver avião o dia inteiro. Tu já viu um avião, meu?

Professor: - Claro que vi, e daí? O que é que um avião tem a ver com o inverno e o verão?

Carioca: - Fica frio, que eu vou demonstrar que tem. Como é que o mano sabe que um avião tá chegando perto? Quando ele vai crescendo de tamanho, sacou? Quando ele vai ficando pequeno é porque ele tá cada vez mais longe, morou?

Professor- E o que isso tem a ver com a órbita da Terra, seu intrometido?

Carioca: - Se liga ai meu, se a Terra chegasse mais perto do Sol, a gente devia ver ele maior, tá ligado? E quando a Terra tivesse mais longe, ele devia aparecer menor. Ta sacando, meu?

Professor - E daí, que é que isso tem haver com o inverso e o verão?

Carioca: - Daí que a gente vê o Sol sempre do mesmo tamanho. De onde se conclui que ele tá sempre na mesma distância, copiou? Então o verão e o inverno não pode sê por causa da distância, sacou meu veio?

Professor: - Como você se atreve a contradizer o seu professor? Quem anda pondo essas “minhocas” na sua cabeça? Faz 35 anos que eu sou professor e é a primeira vez que um aluno atrevido quer mostrar que eu estou errado.

Carioca: - Fica frio ai meu irmão, bote um dim dim na ureia. Eu não tô contra o teu lero lero, não, mas é que eu achei que a matuta ai tava certa .

Zefinha Boa:: - É isso mesmo! Posso ser matuta, mai burra eu não sou não.

Toda a turma grita: é isso ai, Zéfinha, Zefinha, !

O sinal toca e todo mundo vai saindo, mas o professor chama dona Bruna Curie para uma conversa.

Professor: O que a senhora achou dos argumentos de seus colegas?

Bruna Curie: Professor, eu acho que tem certa lógica. Deve haver alguma coisa errada com o que eu afirmei. O que o senhor achou?

Professor: Eu também fiquei intrigado e vou pesquisar o assunto. Na próxima aula trago as

minhas conclusões. Até amanhã.

Bruna Curie: Até amanhã.

Fecham-se as cortinas

Abrem-se as cortinas

Professor: Bom dia pessoal.

Todos : Bom dia

Professor: vamos começar nossa aula lembrando o problema do inverso e do verão que ficou meio confuso na aula passada.

Turma: Muito bem ! Muito bem!

Professor: Realmente Dona Zefinha e o Carioca estavam certos.

Todos: Zefinha! Zefinha! Zefinha! (aplaudindo e fazendo barulho)

Professor: Silêncio!

Professo: Depois de conversar com outros colegas, e consultar outros livros, eu e dona Bruna Curie descobrimos que, de fato, o inverno e o verão não estão diretamente relacionados com a trajetória elíptica da terra ao redor do Sol, mas apenas com a inclinação do eixo de rotação do nosso planeta. Nesse caso, Dona Zefinha e o Carioca estavam certos e merecem o nosso reconhecimento.

Todos Gritam: Zefinha! Zefinha! Zefinha!

Bruna Curie: É isso mesmo! Quando a terra percorre a sua trajetória anual em volta do Sol, ela não o faz em uma posição perfeitamente horizontal, mas, como vemos nos globos geográficos (mostra o globo) ela se desloca inclinada de aproximadamente $23,5^\circ$ graus em relação ao plano da órbita. Por essa razão, o Sol atinge mais frontalmente um dos hemisférios a cada seis meses. Nesse caso, quando é verão no hemisfério Norte, é inverno no Hemisfério Sul do Globo.

Dona Rosa Bela: E a história da trajetória achatada em forma de elipse é mentirosa?

Professor: Não. O problema é que o achatamento não é tão grande, de modo que a trajetória pode ser considerada circular. Mas, já que a senhora está ligada no assunto vai me responder a próxima pergunta, certo?

Dona Rosa Bela: se quer me perguntar e acha que com isso estou sofrendo, se enganou meu bem pode vir quente que eu estou fervendo.

Professor: Pois bem, em algumas noites escuras quando olhamos cuidadosamente para o céu é comum observamos algo parecido com o deslocamento de uma estrela. Aquilo que as pessoas

chamam de ESTRELA CADENTE. De acordo com a astronomia o que são as estrelas cadentes?

Rosa Bela:

Uma Estrela Cadente, o nome eu acho bonito
Se tu não sabe o que é, eu também não ignoro
Quando brilha lá no céu, se chama de meteoro
Mas quando bate no chão, vira um meteorito.

Professor: Muito bom. Nota dez para a senhora, mas vamos prosseguir com a nossa aula

Professor: Dona Formosa¹³.

Formosa: Pois não meu lindinho. Sabia que passei a semana com saudade da sua voz melodiosa? Quando o senhor fala, eu me derreto toda.

Professor: Dona Formosa, assim a senhora me deixa encabulado. Mas, vamos à pergunta.

Formosa: Pergunta gatão.

Professor: Vejam bem, todos já devem saber o que foi a revolução copernicana, certo? Pois bem, depois que Nicolau Copérnico fez a proposta de que a Terra não ocupava o centro do Universo, muitos estudiosos da época não aceitaram a tese do astrônomo polonês. A Igreja que era muito poderosa naquela época, também não concordava com o modelo copernicano. Mas, Além de Galileu, e Kepler, um outro importante nome se levantou em defesa das idéias de Copérnico. Este eminente frade Dominicano travou grandes debates pela Europa defendendo as teses de Copérnico e outras idéias que se confrontaram diretamente com os dogmas da Igreja. O teólogo e filósofo a que me refiro, foi condenado a morte pela inquisição sendo queimado vivo na praça das flores no ano de 1600. Qual o nome desse brilhante e revolucionário filósofo italiano?

Formosa: A propósito queridinho, quando eu estava vindo para escola, me encantei com essa linda camisa de seda italiana e logo pensei. Vai ficar lindinha no meu amado professor. Daí pensei, porque não compra-la. Comprei. Receba que é de todo o meu coração.

Professor: MUITÍSSIMO obrigado, dona formosa, mas assim a senhora me deixa sem jeito. Parece que a senhora é igualzinha ao meu tio Joel que gosta muito de dar presentes.

Formosa: é sim meu lindinho, mas pra você é sempre mais especial.

Professor: Pois é, o meu tio Joel que era conhecido por Jó. Era assim como a senhora, vivia dando presente a toda meninada lá do Bairro. Mas tinha um muleque que não valia nada. Era o tal do Bruno, o bruninho capeta, como os meninos chamavam. Pois o cumpade, mermo sabendo que o menino era ruim de correr água, continuava dando presente ao malandro. Toda semana eu dizia: cumpade pare de dar presente a Bruno, ele não merece. Mas, pensa que

13 Como o próprio nome sugere, é uma personagem bonita e sensual com andar e gestos provocantes. Como seu João do Gogó, ela tenta ganhar o professor com presentes e insinuações. O figurino pode ser uma roupa bonita e provocante(dentro dos limites); uma maquiagem meio exagerada e um penteado extravagante.

adiantava. Quando eu chegava no escritório, lá tava o Cumpade Jór dano Bruno. Na outra semana, Jór dano Bruno. No outro mês, Jór dano Bruno.

Dona formosa: ai que bonitinho, sempre agradando o garotinho

Turma cai na gargalhada

Professor: Sim, mas não pense que esqueci da pergunta não senhora. Qual o nome do brilhante teólogo e filósofo Italiano que defendia o modelo copernicano e que ficou conhecido como o Profeta do infinito, sendo queimado em praça pública pela Inquisição no ano de 1600?

Dona formosa: Jór dano Bruno, Jór dano Bruno

Professor: Muito bem, nota Dez. O frade dominicano Giordano Bruno defendia a tese de que o universo era infinito e já naquela época acreditava que devia existir vida em outros planetas.

Professor: Agora para encerrar esse tema, vou fazer uma última pergunta.

Professor: - Seu Biu Cambimba **14**.

Biu Cambimba: bom dia minhas colegas e meus colegas, é com muita satisfação que eu vou responder mais uma pergunta arquitetada pelo nosso professor.

Professor : Preste bem atenção que a pergunta não é fácil. Existem duas palavras muito parecidas que têm os significados completamente diferentes mas, confundem a maioria das pessoas leigas no assunto. Refiro-me as palavras ASTROLOGIA E ASTRONOMIA. O que significam essas duas palavras e qual a diferença entre elas.

Biu Cambimba: Oxente seu minino, isso é fácil por demais da conta. É só arreará na montagem das palavras pra saber o sentido delas, num é mermo? A pois bem, Astro-logia , é quando um artista famosa como a Patrícia Pilá fica puxando o saco de um colega, logiano o outro o tempo todo. É quando o astro logia o outro, astro logia.

Professor: E Astronomia, seu Biu, como o senhor explica?

Biu Cambimba Essa é mais complicada porque tem dois sentidos diferentes. A nossa língua portuguesa tem dessas coisas. No primeiro caso é quando um artista famoso contrata um funcionário pra trabalhar mais ele.

Professor: Como assim? Não entendi!

O astro numia o caboco com cathera assinada e tudo. Sai até no diário oficial. Quando alguém é numiado por um astro, o astro numia, entendeu?

Professor: e o outro sentido seu Biu, pode nos ensinar.

14 O personagem é como se fosse um vaqueiro nordestino. Chapéu de couro e gibão podem ser partes do seu figurino. Um bigode grande e uma faca na cintura também serão bem vindos.

Biu Cambimba: Ë simple, é quando agente quer dizer que um astro não mia, quem mia é gato e onça nova, mas astro, num mia.

Professor: Isso é inacreditável! O senhor deveria ter sido convocado para auxiliar na reforma ortográfica da língua portuguesa. O senhor é um fenômeno no tratamento com as palavras, mas infelizmente a sua nota é um zero que também não mia.

Professor: Dona Bruna Curie me socorra antes que eu tenha um enfarto do miocárdio.

Bruna Curie: A astrologia defende a idéia de que a posição dos astros governa a vida humana. Nesse caso o destino das pessoas estaria condicionado pelos astros e estrelas. A astrologia e os astrólogos constroem os mapas astrais dos indivíduos através dos chamados signos dos Zodíacos. Aquela velha estória de dizer que o dia será maravilhoso para quem é do signo de Leão e coisas desse tipo. Enfim, a Astrologia é uma antiga crença de que os astros controlam as nossas vidas.

Muito diferente da Astrologia, a Astronomia é a ciência dos astros e, como tal, tem o objetivo de estudar a origem, posição, forma, constituição, distância, organização e movimento dos corpos celestes.

Professor: muito bem, vamos terminar a nossa aula que ainda tenho muitas provas para corrigir ainda hoje.

O personagem Biu de Nem levanta o braço.

Professor: que foi agora seu Biu?

Biu de Nem: professor é que eu não entendi bem a aula de hoje e gostaria que, o senhor repetisse.

Professor: que parte o senhor não entendeu seu Biu ?

Biu de nem: Todas as partes.

O professor sai e a peça termina.

Em seguida todos retornam ao palco para os agradecimentos.

OBS: Na nossa interpretação o professor passou a ser professora e todos os trechos foram alterados para o feminino.